

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE LETRAS

A CONSTRUÇÃO [VOU PRO FALAR]: UMA ANÁLISE
SEMÂNTICO-PRAGMÁTICA.

Daniel Oliveira Silva

Rio de Janeiro
2025

DANIEL OLIVEIRA SILVA

**A CONSTRUÇÃO [VOU PRO FALAR]: UMA ANÁLISE
SEMÂNTICO-PRAGMÁTICA.**

Monografia submetida à Faculdade de Letras da
Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito
parcial para obtenção do título de Licenciado em Letras
na habilitação Português / Latim

Orientador: Prof. Dr. Diogo Oliveira Ramires Pinheiro

Rio de Janeiro

2025

DANIEL OLIVEIRA SILVA

**A CONSTRUÇÃO [VOU PRO FALAR]: UMA ANÁLISE
SEMÂNTICO-PRAGMÁTICA.**

Monografia submetida à Faculdade de Letras da
Universidade Federal do Rio de Janeiro, como
requisito parcial para obtenção do título de Licenciado
em Letras na habilitação Português / Latim.

Data de aprovação:

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Diogo Oliveira Ramires Pinheiro – Presidente da Banca Examinadora
Faculdade de Letras – UFRJ

Profa. Dra. Karen Sampaio Alonso
Faculdade de Letras – UFRJ

CIP - Catalogação na Publicação

0586c Oliveira Silva, Daniel
 A construção [vou PRO falar]: uma análise
 semântico-pragmática / Daniel Oliveira Silva. -- Rio
 de Janeiro, 2025.
 42 f.

 Orientador: Diogo Oliveira Ramires Pinheiro.
 Trabalho de conclusão de curso (graduação) -
 Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade
 de Letras, Licenciado em Letras: Português - Latim,
 2025.

 1. Gramática de Construções. 2. Linguística
 Cognitiva. 3. Intersubjetividade. 4.
 Contraexpectativa. I. Oliveira Ramires Pinheiro,
 Diogo, orient. II. Título.

AGRADECIMENTOS

Nesse exato momento, estou sentado na frente do computador, com (o que eu espero profundamente que seja) a versão final desta monografia. Estou há cerca de dez minutos olhando pra tela, pensando que estou muito cansado e se deveria escrever uma seção de agradecimentos (afinal, a seção de agradecimentos é coisa séria!). Mas, depois de dez minutos de profunda reflexão (e muitos bocejos) penso que essa monografia jamais estaria completa sem o nome de algumas pessoas. E, como eu não gostaria de escrever nomes próprios aleatoriamente nos meus pressupostos teóricos, pensei que uma seção de agradecimentos seria mais do que adequada. Então, lá vamos nós.

Começo agradecendo aos meus pais e à minha família pelo apoio que me deram durante toda a minha graduação. Sem vocês nada disso seria possível. Eu poderia falar de cada um de vocês especificamente mas, como tenho a impressão de que ninguém vai ler minha monografia (sem ressentimentos, eu também não li a de vocês), vou me limitar a falar um grande obrigado geral!

Meus mais profundos agradecimentos a minha grande amiga Lara por ter feito tanto por mim nos últimos anos. Já me consolei pensando que se eu largasse a faculdade não teria sido um desperdício porque eu te conheci. Eu não larguei a faculdade, então no final das contas o consolo não valeu de tanta coisa, mas isso foi só uma anedota pra te dizer que você é muito importante pra mim.

Agradeço ao meu querido maridinho Carlos. Agradeço por toda ajuda que você me deu enquanto eu estava nessa loucura de fim de graduação, mas agradeço ainda mais por todo amor e cuidado. Conhecer pessoas sempre vai ser uma experiência animadora porque pessoas como você existem. Te amo

Agradeço à minha primeira orientadora, Leonor Werneck, pelo apoio que sempre me deu e por todos os ensinamentos. Mais do que isso, agradeço pela fé que você teve em mim desde tão cedo. Sem você, eu provavelmente não teria me apaixonado pela linguística.

Agradeço também às minhas coorientadoras honorárias Brendha e Clara por terem me introduzido ao mundo da gramática de construções (e por todos os ensinamentos e ajuda que me deram depois disso).

Last but not least (em itálico pra você não me corrigir), agradeço ao meu orientador Diogo. Eu comecei essa breve seção de agradecimentos falando que minha monografia jamais estaria completa sem o nome de algumas pessoas. Bem, eu já escrevi seu nome duas vezes (isso sem nem contar as referências), então, seguindo essa lógica, eu nem precisava escrever aqui! Mas escrever seu nome duas vezes não seria suficiente. Então, eu estou escrevendo três. Mas três também não é suficiente, porque se eu fosse realmente justo escreveria seu nome em todas as páginas desta monografia e também de todas as outras coisas que eu escrevesse, porque eu te devo a maior parte do que eu aprendi nesses últimos anos. Agradeço profundamente o empenho que você tem para me ensinar todos os dias que estamos juntos. Como eu acho que não ia cair bem colocar seu nome em todas as páginas de tudo que eu escrevo, esse agradecimento meloso vai ter que bastar.

Deixo aqui meu último agradecimento a todas as pessoas que fazem parte da minha vida. Vocês me conhecem, pessoal, eu sou preguiçoso e não consigo escrever mais que uma página de agradecimentos, mas há muitas pessoas que merecem estar aqui. Então, obrigado!

RESUMO

SILVA, Daniel. A Construção [vou PRO falar]: uma análise semântico-pragmática. 2025. 42f. Monografia (Graduação em Licenciatura em Letras – Português / Latim) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2025.

Com o surgimento do modelo da Gramática de Construções, expressões idiomáticas passaram a ser entendidas como parte substancial do conhecimento linguístico de um falante, e não mais como idiosincrasias que deveriam ocupar apenas marginalmente a análise linguística. Desde então, diversos estudos com base construcionista têm voltado sua atenção para a descrição de construções idiomáticas: construções que não derivam seu significado da soma composicional de suas partes. O presente trabalho, seguindo esse mesmo caminho, descreve uma construção idiomática do português brasileiro, a que cunhamos [vou PRO falar], que pode ser observada em sentenças como “Vou te falar, eu leio vários livros, simultaneamente”. À luz da Gramática de Construções Baseada no Uso (Goldberg, 2006; Bybee, 2010) e dos estudos de intersubjetividade (Verhagen, 2005), defendemos a proposta de que a construção pertence ao rol de construções intersubjetivas de contraexpectativa. Defendemos que a construção é utilizada para marcar a ciência, por parte do falante, da violação de uma expectativa de seu interlocutor. Argumentamos, ainda, que essas expectativas podem ser divididas em duas subcategorias: de conteúdo (a nível proposicional) e de ato de fala (a nível interacional). Assim, utilizando um método qualitativo-interpretativo de análise de dados de uso real retirados do Corpus do Português (Davies, 2016-), procuramos explicitar o mecanismo de contraexpectativa que subjaz os usos da construção.

Palavras-chave: Gramática de Construções; Linguística Cognitiva; Intersubjetividade; Contraexpectativa.

ABSTRACT

SILVA, Daniel. A Construção [vou PRO falar]: uma análise semântico-pragmática. 2025. 42f. Monografia (Graduação em Licenciatura em Letras – Português / Latim) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2025.

With the emergence of the Construction Grammar model, idioms came to be understood as a substantial component of a speaker's linguistic knowledge, rather than as idiosyncrasies that should occupy only a marginal place in linguistic analysis. Since then, several construction-based studies have turned their attention to the description of idioms — those whose meaning does not derive from the compositional sum of their parts. Following this line of inquiry, the present work describes an idiomatic construction of Brazilian Portuguese, which we label [vou PRO falar], lit. [I will PRO tell], exemplified in sentences such as “Vou te falar, eu leio vários livros simultaneamente”, lit. “I will tell you, I read many books simultaneously”. Drawing on Usage-Based Construction Grammar (Goldberg, 2006; Bybee, 2010) and studies on intersubjectivity (Verhagen, 2005), we argue that this construction belongs to the class of intersubjective counter-expectation constructions. We propose that the construction is used to mark the speaker's awareness of a violation of the hearer's expectation. Furthermore, we argue that such expectations can be divided into two subcategories: content expectations (at the propositional level) and speech-act expectations (at the interactional level). Using a qualitative-interpretive method to analyze naturally occurring data retrieved from the *Corpus do Português* (Davies, 2016–), we seek to make explicit the counter-expectation mechanism that underlies the uses of this construction.

Keywords: Construction Grammar; Cognitive Linguistics; Intersubjectivity, Counterexpectation

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS.....	14
2.1. Intersubjetividade.....	14
2.2. Estrutura Informacional.....	16
2.3. Teoria da Polidez	19
2.4- Gramática de Construções Baseada no Uso.....	21
3. METODOLOGIA.....	25
4. A CONSTRUÇÃO VOU (PRONOME) FALAR.....	29
4.1. O polo formal.....	29
4.2.O polo semântico: contraexpectativa.....	30
4.2.1 Contraexpectativa de Conteúdo.....	32
4.2.2. Contraexpectativa de Ato de Fala.....	34
4.2.2.1- Marcador de ameaça à face positiva do falante.....	34
4.2.2.2- Marcador de ameaça à face positiva do ouvinte.....	36
4.2.2.3- Marcador de ameaça à face negativa do ouvinte.....	37
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	39
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	41

1 INTRODUÇÃO

Segundo Fillmore, Kay e O'Connor (1988), expressões idiomáticas são caracterizadas por uma irregularidade semântica e/ou sintática. Por exemplo, algumas expressões, como aquelas que incluem o “bem” em usos do tipo “Bem vi seu namorado na rua ontem”, não expressam o conteúdo semântico regular que um advérbio de modo/intensidade geralmente veicula, assim como não ocorrem na posição tipo de advérbios de modo intensidade (Pinheiro; Sousa; Portela, 2024). De maneira semelhante, a expressão anglófona “let alone” (Fillmore; Kay; O'Connor, 1988), como em “Max won't eat shrimp, let alone squid”, também não possui o conteúdo semântico derivado da soma de suas partes. Expressões desse tipo (que não podem ser interpretadas composicionalmente) são verificadas como parte substancial da gramática de todas as línguas, mas foram historicamente negligenciadas em favor de aspectos ditos mais sistemáticos do sistema linguístico, e, por muito tempo, ocuparam um lugar marginal na linguística hegemônica.

Entretanto, a emergência da Gramática de Construções (GC), um modelo não derivacional de representação do conhecimento linguístico, deu início, nos anos 1980, a uma agenda de pesquisas que buscava descrever não apenas os aspectos mais gerais e sistemáticos do conhecimento linguístico, mas também as estruturas periféricas e irregulares – isto é, os idiomatismos sintáticos. Com efeito, a consolidação da GC desse modelo está ligada a uma mudança de perspectiva em relação às expressões idiomáticas, que deixam de ser vistas como essencialmente arbitrárias e pouco produtivas e passaram a ser reconhecidas como parte relevante e substancial do conhecimento linguístico do falante (Fillmore, 1985; Fillmore, Kay, O'Connor, 1988; Fillmore, Kay, 1999; Bybee, 2010).

A fim de contribuir teoricamente com essa agenda, o presente trabalho focaliza uma construção idiomática do português brasileiro. Essa construção pode ser observada nos exemplos abaixo, retirados do Corpus do Português (Davies, 2016-):

- (1) Eu you te falar, eu leio vários livros, simultaneamente.
- (2) A kombi pode ser ultrapassada, insegura, antiga, ser feita pela Volkswagen, mas you te falar: é um projeto tão bom que NADA faz o serviço que ela faz ATÉ HOJE!

(3) Vou te falar... este meu namorado é o máximo, mas tem hora que cai na rotina...

Em todos os casos ilustrados acima, a sequência “vou te falar” não veicula um significado composicional (algo como FALANTE COMUNICARÁ ALGO AO OUVINTE NO FUTURO). Na verdade, trata-se de usos evidentemente idiomatizados, cujo significado não pode ser obtido a partir da soma do significado das partes componentes (“vou”, “te” e “falar”). Em (1), o que parece estar em questão é a marcação, por parte do falante, da ciência de que o enunciado (“eu leio vários livros, simultaneamente”) viola uma de suas expectativas acerca do mundo – a saber, a de que livros são, tipicamente, lidos um de cada vez. Em (2), o uso é similar: a construção marca que a sentença veiculada está violando uma expectativa do interlocutor acerca do mundo – a de que um carro mais novo teria superado funcionalmente a kombi, um automóvel antigo. O uso em (3), por sua vez, parece mitigar um ato ameaçador à face, nos termos de Brown e Levinson (1987): nesse caso, o ouvinte realiza um ato de confissão que pode ameaçar a sua face positiva, na medida em que admite ao seu ouvinte que seu relacionamento às vezes é entediante.

A partir das observações feitas acima, é evidente o pertencimento da construção (a que nos referimos como [vou PRO falar]) ao quadro de construções idiomáticas do português brasileiro. Apesar do interesse geralmente despendido ao estudo de construções idiomáticas, sobretudo por abordagens construcionistas, esse idiomatismo em particular não foi, até o momento, descrito pela literatura linguística. O presente trabalho pretende preencher essa lacuna ao promover uma análise da construção [vou PRO falar], com foco sobre o seu valor semântico-pragmático.

Para orientar essa descrição, o presente trabalho buscará responder duas questões cruciais, levantadas a partir da observação de usos como aqueles apresentados nos dados (1), (2) e (3): (i) há um valor semântico-pragmático geral que compreende todos os usos dessa construção linguística?; (ii) esse valor pragmático geral apresentar particularidades pragmáticas em diferentes dados, criando subcategorias? Essas duas perguntas emergem da observação dos dados, que apresentam, à primeira vista, heterogeneidade em seus usos. Então, buscamos verificar se essa heterogeneidade é apenas aparente, com um único valor pragmático geral que apresenta diferentes

nuances, ou se a construção apresenta funções pragmáticas distintas, que não podem ser satisfatoriamente explicadas por meio de apenas um valor semântico geral subjacente.

Para responder às questões, realizamos uma análise qualitativa, que será exposta neste trabalho e alcançou as seguintes respostas: para (i), existe um valor semântico pragmático subjacente em todos os usos, apesar da aparente discrepância entre usos como os apresentados em (1) e (3). Esse valor é o que chamaremos de *contraexpectativa*, entendida como a violação, por parte do falante, de conhecimentos do seu ouvinte. Para (ii), argumentaremos que existe uma particularidade no que diz respeito aos diferentes conhecimentos que podem ser violados pela construção, criando duas categorias: uma que compreende conhecimentos de natureza *proposicional* e outra que compreende conhecimentos de natureza *interacional*.

Aqui, vale destacar uma segunda proposta deste trabalho. Para além da descrição de um idiomatismo do PB, pretende-se localizar essa construção no leque de construções que atuam no gerenciamento das ações conjuntas entre os interactantes – isto é as *construções de intersubjetividade*. Mais do que isso, pretende-se contribuir teoricamente para a discussão de como expressões linguísticas são utilizadas na coordenação cognitiva entre os conceptualizadores focalizando, especificamente, a noção de *contraexpectativa*. Outros estudos já foram realizados acerca dessa questão, dentre os quais se destacam a análise da Construção de Contraexpectativa com Bem, feita por Pinheiro, Sousa e Portela (2024), além de estudos que promoveram o refinamento teórico do conceito de expectativa por Sousa e Pinheiro (2024) e Pinheiro et al (a sair).

Antes de prosseguirmos para a estruturação do presente trabalho, entretanto, vale ressaltar que nem todos os usos da construção [vou PRO falar] serão contemplados na nossa análise. Existe um tipo de uso, representado abaixo em (6), que aparece como um marcador ao final de uma sentença e que, apesar de ser evidentemente aparentado com a construção aqui apresentada, não será analisado porque difere substancialmente em relação à forma e à semântica dos usos apresentados acima.

(6) Não são as coisas que você fala e sim como e por onde você expressou sua revolta. Chega a ser engraçado, você passou uma imagem do argentino que you te falar viu!

Feita essa ressalva, apresentamos aqui a organização desta monografia. No capítulo 2 (“Pressupostos teóricos”), será apresentado o arcabouço conceitual que norteará o trabalho: apresentaremos brevemente o conceito de intersubjetividade, assim como duas teorias pragmáticas – a saber, a da estrutura informacional e teoria da polidez – e, por último, apresentaremos o modelo da Gramática de Construções Baseada no Uso. No capítulo 3, descreveremos os passos metodológicos que estruturaram essa pesquisa, que consistiu, essencialmente, na análise qualitativo-interpretativa de dados de uso real. Em seguida, no capítulo 4, será apresentada uma breve descrição formal da construção, assim como a generalização pragmática proposta para os dados e seus subtipos. Por último, o capítulo 5 sumará o que foi dito neste trabalho.

2 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

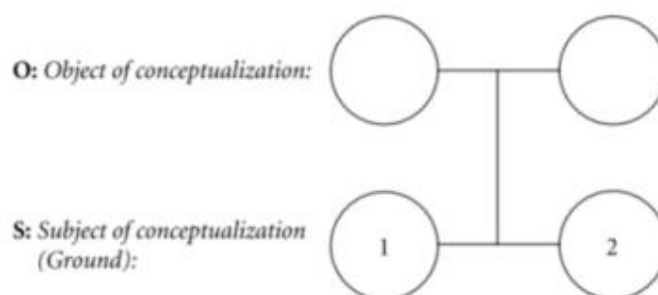
Neste capítulo, apresentaremos o suporte teórico que amparará a presente pesquisa. Primeiramente, no capítulo 2.1, trataremos dos estudos da intersubjetividade. Em 2.2, apresentaremos a teoria da Estrutura Informacional. Em seguida, exploraremos o campo da Teoria da Polidez. Por último, apresentaremos o modelo da Gramática de Construções Baseada no Uso.

2.1 Intersubjetividade

Tomasello (1999) considera a habilidade que os humanos têm de interpretar outros indivíduos como agentes mentais uma das características decisivas que diferenciam um ser humano de outros primatas superiores. Para o autor, ao concebermos outros indivíduos humanos como agentes mentais particulares, conseguimos tomar sua perspectiva, entrando em um processo de coordenação cognitiva. Segundo a teoria elaborada por Tomasello (1999), foi essa mesma habilidade, combinada com o aprendizado cultural, que possibilitou a emergência de nossa capacidade linguística.

Seguindo essa trilha, Verhagen (2005; 2008) assume que a língua é um meio de estabelecer um processo de coordenação cognitiva entre dois indivíduos. Para ele, existem dois níveis comunicativos. No primeiro, o nível do *objeto de conceptualização* (nível O), estão localizados os objetos ou eventos conceptualizados em uma situação comunicativa. No segundo, denominado nível do *sujeito da conceptualização* (nível S), estão situados os sujeitos do evento comunicativo, assim como suas interações e seus cálculos realizados acerca do que passa na mente de seu interlocutor. Para melhor explicar essa dinâmica, observemos o esquema abaixo, intitulado “viewing arrangement”.

Figura 1: “The viewing arrangement”



Fonte: Verhagen (2005, p.29)

No modelo apresentado acima, Verhagen (2005, p. 29) expande o conceito de *Ground* comunicativo elaborado em Langacker (1991), ao sugerir que o *Ground* (aqui representado pelo *nível S*) abrange, em toda situação comunicativa, pelo menos dois conceptualizadores: o primeiro, responsável pela enunciação, e o segundo, responsável pela interpretação do enunciado. Nesse esquema, o que o autor coloca em proeminência é que uma situação comunicativa sempre envolve dois indivíduos entrando em coordenação cognitiva para enquadrar um objeto da conceptualização (representado aqui pelo nível O) por meio de enunciados.

Nesse sentido, a divisão entre os dois níveis acima possibilita afirmar que as expressões que compõem os enunciados podem atuar em um dos dois níveis: algumas, que atuam no gerenciamento interacional, operam no *nível S*; outras, que descrevem o objeto da conceptualização, atuam no *nível O*. Para ilustrar essas relações, tomemos, por exemplo, uma instância da Construção Bem Que, idiomatismo analisado por Sousa e Pinheiro (2023a; 2023b), e sua contraparte em (5):

(4) Bem que me falaram que eu ia sentir falta da UFRJ.

(5) Me falaram que eu ia sentir falta da UFRJ

Observamos, nesses casos, que não há diferença entre o conteúdo proposicional de (4) e (5): ambas comunicam que “falaram” ao locutor que ele sentiria falta da UFRJ. A Construção Bem Que, então, tem outra função aqui, que diz respeito não ao Nível O, mas ao Nível S – qual seja, gerenciar a coordenação cognitiva entre os interactantes. O que está em jogo na sentença (4), com a utilização do idiomatismo, é a conceptualização do evento como algo que foi inicialmente desacreditado pelo falante, mas que agora tem

sua validade reconhecida. Construções desse tipo, que atuam no Nível S, são qualificadas como *intersubjetivas*.

2.2 Estrutura informacional

Lambrecht (1994), em seu livro *Informational structure and sentence form*, traça uma relação entre os elementos linguísticos de uma sentença e o repertório de representações mentais de um ouvinte. Dito de outro modo, o autor se debruça sobre a conexão entre os elementos léxico-gramaticais de uma frase e as assunções que um determinado falante faz sobre o que um determinado ouvinte tem ou não em seu inventário de representações mentais. Esse campo, que relaciona as unidades de uma sentença com os estados mentais de um indivíduo, é conhecido como *estrutura informacional*.

Para o autor, produzir enunciados é, essencialmente, alterar o conjunto de proposições que um ouvinte possui em seu repertório mental. Note-se que uma mesma sentença pode ser associada a diferentes proposições. Por exemplo, na frase “O menino comprou o celular que queria”, verificam-se as seguintes proposições: (i) há um menino; (ii) há um celular; (iii) o menino queria esse celular; e (iv) o menino comprou esse celular.

O autor faz, ainda, uma importante distinção relativa à natureza das proposições. Para ele, existem dois tipos de proposições: *pressuposições* e *asserções*. As pressuposições são informações que o falante assume que o ouvinte já sabe no momento da enunciação (ou, em outros termos, informações velhas/dadas). Essas informações são sempre disparadas por um elemento linguístico, muitas vezes referido como *gatilho* (ou *disparador*) de *pressuposição*. Nas proposições (i) a (iii), por exemplo, que configuram pressuposições, os gatilhos são, respectivamente, o artigo definido “o” em “o menino”, o artigo definido “o” em “o celular” e a oração relativa “que queria”. A asserção, por outro lado, é uma informação que o falante supõe estar inserindo no repertório de representações mentais de seu ouvinte, ou seja, a informação nova. Nesse caso, trata-se da proposição (iv), que comunica a compra do celular pelo garoto.

O autor classifica, ainda, as pressuposições em três tipos: de conhecimento, de consciência e de topicalidade. Um exemplo de pressuposição de conhecimento é (iii): o

falante assumiu que o ouvinte sabia que havia um celular que o menino queria. O falante, nessa situação, presume (isto é, pressupõe) que o seu ouvinte já conta com essa informação em seu repertório de representações mentais.

A pressuposição de consciência, por sua vez, diz respeito aos casos em que o falante supõe um determinado estado de consciência por parte do seu ouvinte. É o caso, por exemplo, de “ele comprou o celular”, em que o locutor pressupõe que o referente “ele” não apenas é conhecido, mas está ativado na consciência de seu interlocutor no momento da enunciação (e, portanto, pode ser recuperado). Nesse caso, não se trata apenas de ter um conhecimento, mas de estar com esse conhecimento cognitivamente ativado em um dado momento.

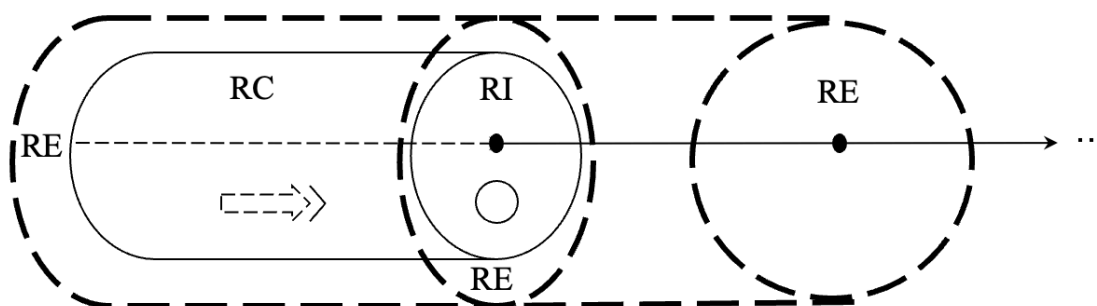
Por último, a pressuposição de topicalidade diz respeito ao estatuto tópico de um determinado referente no discurso. Por exemplo, no diálogo (5) representado abaixo, B pressupõe que A saiba que “ele” é o tópico do discurso, pois é elemento sobre o qual se faz uma declaração.

(6) A: O que ele fez?

B: Ele comprou o celular

Contudo, Pinheiro et al. (a sair) e Sousa e Pinheiro (2024), advogam por mais um tipo de pressuposição: a pressuposição de expectativa, que não comparece na tipologia de (1994). Para os autores, existe uma bipartição no que Lambrecht (1994) chama de conhecimento: de um lado, haveria o *conhecimento estabelecido*; de outro, o *conhecimento inferido*. Para ilustrar essa diferença, vejamos o modelo epistêmico representado na Figura 2 abaixo:

Figura 2: Modelo Epistêmico



Fonte: Pinheiro et al. (a sair) adaptado de Langacker (1991, p.277) e Sousa e Pinheiro (2024)

No modelo epistêmico apresentado acima, temos alguns componentes. Um deles é Realidade Imediata (RI), que diz respeito ao *ground* (ou seja, o aqui-e-agora interacional) do conceptualizador. Os outros dois, são a Realidade Conhecida (RC) e Realidade Esperada (RE). A primeira abarca tudo cuja existência o conceptualizador toma como certa, seja no passado, no presente ou no futuro. Note-se que, mesmo que não se possa ter certeza de que algo acontecerá no futuro, ou de que algo aconteceu no passado sem ter sido presenciado pelo indivíduo, nesse modelo toma-se como pertinente que esses (possíveis) eventos estejam localizados na RC, uma vez que o que está em jogo é o grau de certeza epistêmica. Então, se o conceptualizador toma como certo um evento no futuro, por exemplo, “amanhã meu esposo dormirá comigo”, esse evento estará no que chamamos de Realidade Conhecida. Toda proposição que pertence à RC está no domínio do que chamamos de *Conhecimento Estabelecido*.

A Realidade Esperada, por outro lado, compreende aquilo que o indivíduo *presume*, a partir de cálculos do que ele toma como *default*, que tenha acontecido, acontece ou acontecerá. À diferença da RC, aqui o conceptualizador não toma como certa a ocorrência dos eventos. As proposições que estão no horizonte da RE são o que chamamos de *Conhecimento Inferido*.

Tomando como base esses conceitos, podemos definir o que é a pressuposição de expectativa. Esse tipo de pressuposição inclui os casos em que o enunciado evoca uma proposição que se calcula estar na RE do interlocutor. Nesse caso, não se está contradizendo nada que o interlocutor toma como certo (ou, pelo menos, nada que o falante calcule que ele toma como certo), mas um *conhecimento inferido*, esperado a partir de informações que o interlocutor toma como *default*.

Nesse sentido, as construções chamadas de contraexpectativa sempre veiculam uma asserção que ou não está na RE do interactante ou não é compatível com informações lá presentes, evocando uma *pressuposição de expectativa*. A pressuposição de expectativa, então, sempre veicula uma informação presente na RE oposta à asserção apresentada pela sentença. Por exemplo, na sentença “vou te falar, o evento foi bem

chatinho”, evoca-se a pressuposição de expectativa “o evento não foi bem chatinho”, e a asserção que, na verdade, ele foi “bem chatinho”.

Em suma, o presente trabalho recorrerá tanto às noções de Lambrecht (1994) quanto às atualizações feitas por Pinheiro et al. (a sair) e Sousa e Pinheiro (2024) acerca dos tipos de pressuposição.

2.3 Teoria da Polidez

Em seu livro *Politeness: Some Universals in Language Use*, Penelope Brown e Stephen Levinson (1987), tomando como base a obra de Erving Goffman e a análise de línguas não aparentadas, estabelecem regras que regem a interação verbal nas mais diversas línguas naturais. Ao analisar essas línguas, *a priori* muito distintas entre si, os autores se depararam com uma regularidade substancial, sobretudo no uso de expressões que atuam no gerenciamento da imagem pública dos interlocutores, que é referida pelos autores, à luz da abordagem goffmaniana, de *face*.

O conceito de face permite explicar essa regularidade translinguística acerca de marcas linguístico-gramaticais que atuam na preservação da face pública dos interlocutores. Para os autores, essa autoimagem que todo membro de uma comunidade possui pode ser dividida em duas: a *face positiva* e a *face negativa*. Cada uma delas representa uma faceta da imagem pública do indivíduo: a face positiva é aquela que diz respeito ao desejo de ser apreciado e aprovado por outros membros da comunidade; a face negativa é aquela que diz respeito ao desejo de livre ação, isto é, de estar livre de imposições de terceiros.

Além de introduzir o conceito de face, Brown e Levinson também ressaltam que os seres humanos tendem a preservar sua própria face e, sendo racionais e cooperativos, obedecem à regra básica de também preservar a face de seus parceiros comunicativos. O que isso quer dizer é que, em condições típicas de interação, um falante tende a preservar o desejo de seu ouvinte de ser aprovado e de estar livre de imposições.

Entretanto, há frequentemente situações em que um falante, a despeito do seu desejo de preservar a face do seu interlocutor e a sua própria, precisa, em nome de alguma necessidade comunicativa, realizar um ato de fala que é *ameaçador à face*. Ao se deparar com a necessidade de veicular um enunciado ameaçador à face – ou seja, que viola o desejo de ser aprovado e/ou de ser livre seu ou de seu interlocutor –, um falante

pode recorrer a uma série de estratégias. A primeira delas é simplesmente não enunciar esse ato de fala, caso ele cause prejuízos muito substanciais à face. Entretanto, como dito antes, há situações em que a necessidade comunicativa sobrepuja o desejo de não ameaçar, absolutamente, a própria face ou a do interlocutor. Nesses casos, o falante tem três opções: (i) realizar esse ato de fala indiretamente; (ii) utilizar estratégias de proteção de face ou (iii) realizar o ato de fala sem nenhuma estratégia de proteção de face (“baldly”, nos termos dos autores). Vejamos como isso se traduz em uma situação corriqueira nos exemplos (7), (8) e (9).

(7) Está frio aqui, né?

(8) Você pode fechar a janela, por favor?

(9) Fecha a janela.

Os exemplos acima ilustram as possibilidades de um falante, que está com frio, realizar um ato de fala diretivo para que seu interlocutor feche a janela do cômodo. O primeiro deles é a estratégia indireta: ao constatar que está com frio, seu ouvinte, recorrendo a regras interacionais de cooperação, pode entender a frase a partir de uma *implicatura conversacional* – ou seja, partindo do princípio de que todo enunciado tem a função de comunicar algum conteúdo, o interlocutor pode entender isso não como uma constatação do frio, mas como um pedido para fechar a janela. Note que nesse caso o falante não se compromete com o ato de fala, uma vez que, se questionado sobre ter pedido para fechar a janela, ele pode simplesmente se esquivar dessa responsabilidade e afirmar que não foi essa a intenção do enunciado.

Em (8), por sua vez, vemos uma outra maneira típica de realizar um ato de fala diretivo – qual seja, a utilização de marcadores linguísticos que atenuam a ameaça à face. Nessa sentença, alguns elementos podem ser destacados: (i) a interrogação com o verbo “poder”, que coloca à disposição do interlocutor a possibilidade de negar o pedido (o que, evidentemente, atenua a ameaça ao seu livre arbítrio) e (ii) o uso do marcador discursivo “por favor” que cumpre a função típica de atenuar a ameaça inerente aos atos diretivos. Nesse caso, apesar de a ameaça à face ser maior que em (7), há a vantagem de se colocar o pedido de maneira mais informativa sem que, por exemplo, haja um equívoco sobre se o falante está ou não pedindo para que seu ouvinte feche a janela.

O exemplo (9) representa a terceira possibilidade: a de o interlocutor preservar essa informatividade e não utilizar marcadores de polidez. Esse exemplo é naturalmente o mais ameaçador à face negativa do interlocutor, uma vez que não se vale nem da tática do ato de fala indireto, nem de recursos linguísticos que sirvam como atenuadores, o que pode soar estranho à primeira vista. Entretanto, Brown e Levinson (1987) destacam que o grau de ameaça à face não é dependente tão somente da natureza do ato de fala, mas de outros fatores que entram em jogo, como a proximidade entre os interlocutores e sua posição hierárquica relativa. O exemplo (9) poderia ser usado então, sem grandes prejuízos à face do ouvinte, caso este seja um amigo próximo ou ocupe uma posição subalterna em relação ao falante.

Naturalmente, essas três estratégias podem ser utilizadas tanto no que diz respeito à face positiva (tanto do falante quanto do ouvinte), com a diferença de que outros marcadores, específicos a essa situação, serão utilizados.

Em suma, a Teoria da Polidez volta sua atenção para a autoimagem pública que todo indivíduo possui e busca preservar, assim como sobre o princípio cooperativo que faz com que os interlocutores busquem respeitar reciprocamente suas faces. De especial interesse para o presente trabalho é a estratégia de utilização de marcadores que preservam a face porque, como argumentaremos no capítulo 4, a construção aqui analisada funciona como um recurso dessa natureza.

2.4. Gramática de Construções Baseada no Uso

Surgida a partir dos trabalhos de linguistas como Charles Fillmore, Paul Kay e George Lakoff (Fillmore, 1985; Lakoff, 1987; Fillmore; Kay; O'Connor, 1988), a Gramática de Construções (GC) é um modelo do conhecimento linguístico do falante – isto é, um modelo que busca representar o conhecimento lexical e gramatical armazenado na mente dos indivíduos. Segundo essa abordagem, o conhecimento linguístico consiste em um inventário de pareamentos de forma e significado (conhecidos como *construções gramaticais*). Como explica Pinheiro (2025), esse modelo se afasta da abordagem associada à Linguística Gerativa na medida em que deixa de lado a divisão do conhecimento linguístico em dois grandes componentes: um léxico (entendido como um repositório de itens) e uma gramática (responsável pela combinação de itens em sentenças, bem como pela interpretação dessas sentenças). Para

linguistas que adotam a Gramática de Construções como base teórica, a totalidade do que entendemos como conhecimento linguístico, que vai desde palavras até esquemas sintáticos abstratos, pode ser descrita em termos de construções gramaticais. A seguir, apresentamos um quadro que sintetiza a variedade de tipos de construções:

Quadro 1- *Continuum* de construções gramaticais

TIPO DE CONSTRUÇÃO	EXEMPLO
Palavra	Árvore
Expressão fixa	bom dia; cada macaco no seu galho
Esquema morfológico	re + base verbal (ex: <i>rearrumar</i> , <i>refazer</i>)
Esquema sintático semipreenchido	que mané X; que X o quê (ex: <i>que mané férias</i> ; <i>que férias o quê</i>)
Esquema sintático aberto	SVO (ex: <i>Réver cabeceou a bola</i>)
Padrão entoacional	Ascendente

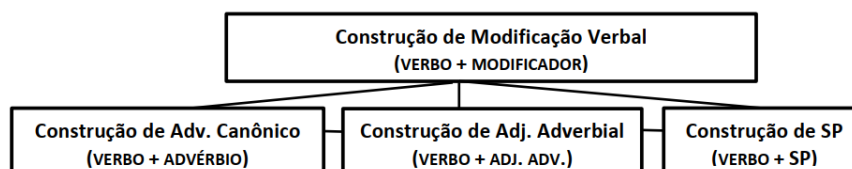
Fonte: Pinheiro (2016)

Como pode ser observado, o quadro acima está organizado em ordem de preenchimento fonológico. No topo, observam-se expressões completamente preenchidas – por exemplo a palavra “árvore” e a expressão fixa “bom dia”. Seguem-se expressões semipreenchidas, como esquemas sintáticos com um *slot* (Que mané X) e esquemas morfológicos (neste caso, re + base verbal). Por último, estão os esquemas sem realização fonológica, representados pelos esquemas sintáticos abstratos, como o SVO, e padrões entoacionais, como o padrão ascendente.

Uma outra característica importante da Gramática de Construções (GC) é o fato de que o conhecimento linguístico – constituído por pareamentos de forma e significado – não é entendido como um inventário desestruturado de construções. Em vez disso, considera-se que as construções compõem uma rede estruturada, comumente referida na literatura como *constructicon*. Nessa rede, as construções estabelecem entre si tanto relações taxonômicas, nas quais uma construção mais geral (hierarquicamente superior) se conecta a uma construção mais específica (hierarquicamente inferior), quanto relações horizontais, por meio das quais se conectam construções de um mesmo nível

hierárquico (Pinheiro, 2025)¹. Para ilustrar essas relações, vejamos o seguinte esquema de representação em rede das construções de modificação verbal:

Figura 3 - rede de construções de modificação verbal



Fonte: Pinheiro (2016)

Nesse esquema, observamos as duas relações mencionadas acima. De um lado, entre as Construções de Advérbio Canônico (como em “andar velozmente”), Adjetivo Adverbial (como em “andar rápido”) e Sintagma Preposicional (como em “andar com pressa”), de outro, existe uma relação hierárquica (taxonômica) entre a Construção de Modificação Verbal e as três subordinadas. Isso significa que as construções representadas na parte mais baixa da rede são subtipos da construção representada mais acima, realizando de maneira particular o significado e a forma da construção hierarquicamente superior.

Além disso, observamos relações entre os nós inferiores. Essas relações, que relacionam itens do mesmo nível na hierarquia, são chamadas de horizontais. Relações horizontais são frequentemente justificadas por meio de experimentos de *priming*, que verificam que o uso de uma construção pode influenciar outras construções formal e semanticamente similares (Ungerer; Hartmann, 2023). Nesse caso, espera-se que, por exemplo, o uso de “andar rapidamente” tenha um efeito de *priming* relativamente a usos como “falar alto”.

No presente trabalho, adotaremos especificamente a Gramática de Construções Baseada no Uso (GCBU), uma vertente da GC que assume que o conhecimento linguístico do falante é inteiramente abstraído do *input* por meio de processos cognitivos de domínio geral (Goldberg, 1995; Bybee, 2010). Nessa abordagem, assume-se que a experiência com a língua modela constantemente o conhecimento linguístico do falante.

¹ Há diferentes tipologias para os links presentes na rede construcional, sendo provavelmente a mais conhecida aquela proposta por Diessel (2019). No entanto, no presente trabalho, optamos por trabalhar com a abordagem de Pinheiro (2025).

Adicionalmente, também é posta de lado a divisão entre cognição linguística e cognição não linguística, na medida em que se considera que processos de domínio geral, como a categorização e o *chunking*, governam o conhecimento linguístico.

Outro ponto de suma importância é, conforme enfatizado por Pinheiro (2016), o compromisso da GCBU com a realidade psicológica, em detrimento da parcimônia descritiva. Sob essa ótica, não há, na GCBU, qualquer tipo de tendência ou inclinação no sentido de evitar a redundância, uma vez que se assume que uma determinada sequência linguística, mesmo podendo ser explicada somente por nós hierarquicamente mais altos do *constructicon*, pode ser armazenada como uma construção em si mesma, em função de sua alta frequência de ocorrência (Bybee, 2010; Goldberg, 2006). Nesse sentido, admite-se, por exemplo, que uma construção de alta frequência como “eu te amo” seja diretamente armazenada no *constructicon*, ainda que o uso concreto “eu te amo” possa ser adequadamente explicado com base em construções mais abstratas, como a construção SVO.

3. METODOLOGIA

Para a realização da presente pesquisa, primeiramente, foram coletados dados do Corpus do Português (Davies, 2016-), especificamente na seção *Web/Dialects*. O Corpus do Português é um corpus digital anotado a partir da varredura digital de sites do Brasil, Portugal, Angola e Moçambique. A seção *Web/Dialects*, por sua vez, é uma das três seções disponíveis no *corpus*, sendo as outras duas *Genre/Historical* e *Now*. A seção *Web/Dialects* é composta de 1 bilhão de palavras retiradas de cerca de 1 milhão de *webpages* como fóruns e blogues. A escolha dessa seção se justifica pela frequente presença de um setor de comentários nos sites. Devido à possibilidade de os internautas dialogarem por meio do recurso dos comentários, pensamos que essa seção seria a mais produtiva, uma vez que construções de intersubjetividade, como a construção aqui estudada, são mais produtivas em contextos dialógicos.

Escolhida a seção do *corpus*, partimos para a busca no mecanismo de pesquisa do site, com as linhas “Vou te falar” e “Vou lhe falar”, ambos com o filtro *Brazil* na aba *Sections*, de maneira a garantir que todas as linhas de concordância visualizadas e, posteriormente, coletadas, pertencessem ao português brasileiro. Durante a coleta dos dados, alguns critérios para a seleção de dados foram adotados:

- a) por se tratar de uma análise de uma construção de intersubjetividade, alguns gêneros foram excluídos, de forma que, se um dado pertencesse aos gêneros textuais poema ou letra de música, ele seria descartado;
- b) verificou-se que alguns dados, no *corpus*, foram repetidos, o que acontece porque um pequeno número deles se referia a uma mesma entrevista transcrita ou a um mesmo comentário feito em páginas diferentes, por uma mesma pessoa. Dessa maneira, foi estabelecido que, se um dado aparecesse com o mesmo contexto expandido (context +) para cerca de 20 palavras anteriores à ocorrência da construção e 20 palavras posteriores, ele seria descartado. No caso de discurso transposto por aspas, houve primeiro a verificação dos excertos coincidentes em mais de um dado (se o conteúdo entre aspas correspondesse, em linhas gerais, à mesma frase, mesmo que com extensão diferente no excerto entre aspas), juntamente com a confirmação de que a autoria era correspondente

nos dados repetidos. Para a seleção de qual dado entraria na análise, foi verificado o número de palavras entre as aspas, de forma que o dado mais completo em relação ao turno de fala em que ocorre a construção fosse escolhido;

- c) como enfatizado na introdução deste trabalho, nem todos os usos da construção [vou PRO falar] entraram em nossa proposta de análise: devido à sua diferença formal e semântico-pragmática, optamos por não coletar os dados que rotulamos como “uso final” – qual seja, aqueles marcadores discursivos que aparecem ao final de uma sentença, sem ser sucedido por uma sentença finita.

Aplicados esses filtros, foram coletados 495 dados, com contexto expandido de cerca de 270 palavras (context +), disponibilizado na página do *corpus*. Todos os dados foram armazenados em uma planilha na plataforma de armazenamento *Google Drive*, e, além dos dados em contexto expandido, também foram coletados os links de origem dos dados.

Após o armazenamento dos dados, seguimos para a sua catalogação com base no pronome utilizado e na moldura sintática. Como será detalhado no capítulo 4.1 (“Polo formal”), a construção pode apresentar as variantes “te” e “lhe” na posição de pronome. Essas duas variantes possuem três molduras sintáticas, a saber: (i) “Vou (pronome) falar Ø”; (ii) “Vou (pronome) falar que” e (iii) “Vou (pronome) falar SN”. Para cada linha de concordância coletada, então, marcamos binariamente os dados de acordo com dois critérios: (i) pronome empregado (“te” ou “lhe”) e (ii) moldura sintática (quais sejam, as três molduras descritas acima).

Em seguida, era necessário que marcássemos os dados em relação à idiomaticidade, o que consistiu em distinguir entre usos idiomáticos e composicionais. Isso porque, ao realizar a pesquisa no Corpus do Português, todas as ocorrências da sequência linear [vou PRO falar] aparecem como resultado. O que isso significa é que mesmo os usos composicionais (ou seja, não idiomatizados) foram coletados e armazenados na planilha. Abaixo, segue um dado de uso composicional.

(10) Não you lhe falar quantas vezes fiquei internado, pois não saberia precisar a quantidade, pois foram muitas vezes.

Nesse caso, e em muitos outros, o significado da sequência [vou PRO falar] é composicional, de modo que o que está em jogo é simplesmente o futuro do verbo “falar”, diferentemente do que se verifica nos usos idiomáticos. Para marcar os dados como composicionais e idiomáticos, então, recorremos a um teste de composicionalidade: a substituição pelo futuro simples “(pronome) falarei”. A lógica por trás desse teste é simples: caso o significado seja composicional, a ideia expressa pela sequência [vou PRO falar] é a do futuro do verbo “falar” e, portanto, a substituição pelo futuro simples não causará estranhamento. Podemos ver isso na contraparte (11) do dado (10):

(11) Não lhe falarei quantas vezes fiquei internado, pois não saberia precisar a quantidade, pois foram muitas vezes.

Entretanto, em dados idiomáticos, como aqueles apresentados na introdução deste trabalho, a troca implica redução significativa da aceitabilidade. Vejamos o exemplo (1) e sua contraparte (12)

(1) Eu vou te falar, eu leio vários livros, simultaneamente.

(12) Eu te falarei, eu leio vários livros, simultaneamente.

Com base nesse teste de composicionalidade, todos os dados foram classificados como idiomáticos ou composicionais. Dos 495 dados, 298 foram classificados como “idiomáticos” e 197, como “composicionais”.

A seguir, procedemos à análise qualitativo-interpretativa dos dados idiomáticos. Essa análise teve duplo objetivo, a saber: (i) verificar se havia um valor semântico-pragmático geral que desse conta de explicar todos os usos da construção [vou PRO falar]; e (ii) verificar se esse valor pragmático geral poderia apresentar particularidades pragmáticas em diferentes dados, criando subcategorias.

A análise qualitativa consistiu na leitura atenta dos 297 dados idiomáticos e seus respectivos contextos expandidos (de cerca de 270 palavras) em busca de elementos que nos norteariam em relação à função pragmática da construção. Para cada dado,

atentamos tanto para o que a presença da construção parecia acrescentar semanticamente no discurso, quanto para marcas coocorrentes (por exemplo, marcadores de polidez) que nos direcionassem ao valor pragmático da construção. A resposta para as questões previamente levantadas ((i) há um valor semântico geral?;(ii) ele apresenta subcategorias?), assim como uma descrição formal pormenorizada da construção, serão apresentadas no próximo capítulo.

4 A CONSTRUÇÃO [vou PRO falar]

Neste capítulo descreveremos a construção aqui estudada formal e semanticamente a partir da análise qualitativa dos dados idiomáticos coletados no Corpus do Português (Davies, 2016-). Primeiramente, nos deteremos na análise da forma assumida pela construção. Em seguida, descreveremos seu valor semântico-pragmático.

4.1- O polo formal

No que diz respeito ao polo formal, a construção é caracterizada pela primeira pessoa do presente do indicativo do verbo “ir” (vou) seguida do pronome de segunda pessoa do singular nas formas “te” ou “lhe” e, por último, a forma nominal infinitiva “falar”.

Existem três molduras sintáticas possíveis para a construção: a primeira é formada tão somente pela sequência linear [vou PRO falar]; a segunda apresenta um complementizador “que”; e a terceira é caracterizada pela inserção de um sintagma nominal logo após a sequência [vou PRO falar]. Além disso, todas as formas da construção mais geral [vou PRO falar] são sucedidas por uma sentença finita, sobre a qual incide a marcação de contraexpectativa. Temos, de (13) a (15), as duas possibilidades em relação ao pronome, assim como as três possibilidades de moldura sintática.

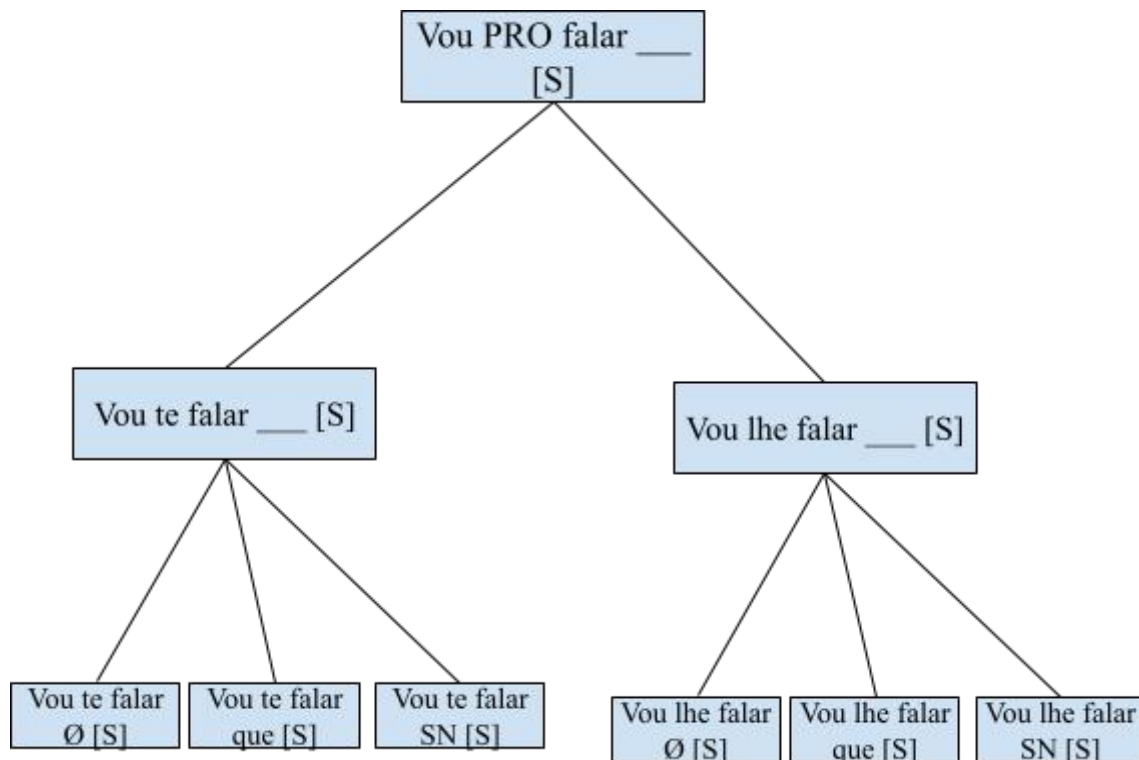
(13). Dr, gosto muito das suas análises e acompanho o programa Jogo Aberto quase todos os dias, mas vou lhe falar, tá ficando difícil de assistir o programa ultimamente, tá parecendo briga de boteco.

(14) Tô ferrado porque eu sou um homem comentando, mas tudo bem, to com medo não! Eu vou te falar que tem até um pedaço do texto que eu não entendi. Mas até aonde eu vi, tem um momento que você até diz que as próprias mulheres tão pegando pesado a o rebaixar os homens

(15) Estou profundamente magoada. Olha, vou te falar uma coisa, esse papo de que a culpa é da mulher é desculpa de covarde. Nunca bateu em mulher porque ninguém deu certo com ele antes.

Tendo em vista essa caracterização formal feita acima, proporemos a seguinte representação em rede construcional:

Figura 4 - Representação em rede da construção [vou PRO falar]



4.2 O polo semântico: contraexpectativa

A generalização do valor semântico-pragmático da construção [vou PRO falar] é o de contraexpectativa. Recorrendo ao modelo epistêmico apresentado no capítulo 2.2 (“Estrutura informacional”), o que ocorre é a marcação de que o enunciado viola algum dos conhecimentos que estão na *Realidade Esperada* do conceptualizador. Para melhor visualizar essa proposta, retomemos os exemplos (1) e (2) apresentados na introdução deste trabalho.

- (1) Eu vou te falar, eu leio vários livros, simultaneamente.

(2) A kombi pode ser ultrapassada, insegura, antiga, ser feita pela Volkswagen, mas you te falar: é um projeto tão bom que NADA faz o serviço que ela faz ATÉ HOJE!

Argumentamos que, em ambos os casos, a construção [vou PRO falar] acompanha uma sentença que viola uma proposição presente no horizonte de expectativas do ouvinte. No primeiro, a sentença “eu leio vários livros, simultaneamente” viola a expectativa, baseada no senso comum, de que uma pessoa lê apenas um livro por vez. Em (2) a contraexpectativa é ainda mais óbvia, uma vez que o falante caracteriza a kombi como “ultrapassada, insegura e antiga”. Nesse caso, seria mais do que natural assumir que um automóvel ultrapassado, inseguro e antigo não seria tão excepcional na sua função. Entretanto, é justamente isso que vai ser afirmado, acompanhado da construção [vou PRO falar]: “vou te falar: é um projeto tão bom que NADA faz o serviço que ela faz ATÉ HOJE”.

Contudo, existem outros casos que não são de tão fácil categorização, à primeira vista, a partir da hipótese de contraexpectativa. Por exemplo, vejamos (3), também retomado da introdução:

(3) Vou te falar... este meu namorado é o máximo, mas tem hora que cai na rotina...

Nesse exemplo, a explicação aplicada para (1) e (2) não parece ser suficiente. Afinal, não poderíamos argumentar que existe qualquer expectativa (ou seja, um conhecimento na *Realidade esperada* do interlocutor) de que relacionamentos duradouros não “caiam na rotina”. Entretanto, para além dessa constatação, que poderia ser facilmente questionada (o leitor, por exemplo, pode achar que existe uma expectativa social de que relacionamentos devem ser calorosos e emocionantes), o contexto desse dado reforça que a explicação proposta acima, baseada unicamente na ideia de contraexpectativa, não dá conta do uso da construção em (3): esse dado foi retirado de uma discussão, em um blog voltado para relacionamentos, sobre o que fazer quando o relacionamento “esfria”. Em toda a discussão, inclusive no contexto expandido do dado, é um pressuposto assumido por todos que relacionamentos

tipicamente esfriam e ficam mais entediantes no decorrer do tempo. É natural pensar, então, que a sentença proferida “meu namorado é o máximo, mas tem hora que cai na rotina” não violaria as expectativas do interlocutor.

Dito isso, por que, então, a construção, que argumentamos até aqui funcionar como um marcador de contraexpectativa, está sendo utilizada nesse contexto? A resposta para esse questionamento é que, para além de violações do nível *proposicional*, ou seja, em que uma sentença viola um conhecimento esperado acerca do mundo, como “pessoas leem um livro por vez” e “um automóvel inseguro e ultrapassado já foi superado funcionalmente”, existem violações de nível *interacional*. Em (3), ao realizar uma confissão pública sobre o próprio relacionamento (especialmente sobre algum aspecto negativo, como, por exemplo, que ele às vezes é entediante), quebra-se uma expectativa interacional de preservação de imagem pública. Em termos mais técnicos, retomando a Teoria da Polidez (Brown; Levinson, 1987), o que ocorre em casos como (3) é a quebra da expectativa interacional de que um indivíduo vai preservar sua própria face positiva não assumindo publicamente, por exemplo, que seu relacionamento às vezes “cai na rotina”. Argumentaremos, ainda, que a construção, em dados como esse, funciona como mais do que somente um meio de marcar uma violação de expectativa interacional: ao marcar sua ciência de que a sentença viola uma regra interacional, o falante atenua a ameaça à face inerente ao enunciado proferido. Então, mais do que somente um marcador de contraexpectativa, a construção funciona como um recurso linguístico de preservação de face.

Assim sendo, podemos postular duas subcategorias para o valor semântico pragmático de contraexpectativa: (i) a *contraexpectativa de conteúdo*, que diz respeito ao conteúdo proposicional da sentença e dá conta de explicar usos como (1) e (2); (ii) a *contraexpectativa de ato de fala*, que diz respeito a normas interacionais de preservação de face (tanto do falante quanto do ouvinte) e funciona como um atenuador de ameaça à face. Essa função contempla usos como (3). Cada uma dessas funções será analisada mais detidamente nas próximas subseções.

4.2.1 Contraexpectativa de conteúdo

Como dito anteriormente, a contraexpectativa de conteúdo é aquela em que a expectativa violada corresponde a uma proposição evocada pela sentença. Além dos exemplos (1) e (2) já apresentados, observemos o seguinte dado:

(16) Vou te falar uma coisa: Se quer comprar lá no amigo ebay, compre! Vale MUITO mais a pena (mesmo com a taxa) do que comprar uma por aqui! Não sei agora com essa maré vermelha na alfândega, mas quando comprei a minha, não foi taxado! às vezes vai muito na sorte mesmo mas mesmo assim é como já falei antes, mesmo com a taxa ainda fica muito mais barato! :) A única coisa negativa em fazer compras internacionais, é que não dá pra parcelar como a gente faz aqui, então muita gente acaba comprando por aqui mesmo e pagando um valor absurdo!

Nesse exemplo, o marcador “vou te falar” é seguido pela sequência “se quiser comprar no amigo ebay, compre! Vale muito mais a pena do que comprar uma por aqui!”. Esse caso corresponde claramente a uma contraexpectativa de conteúdo. Isso porque, ao expressar para seu ouvinte que comprar uma câmera pelo *ebay* (um site de importação) “vale muito mais a pena”, o falante está quebrando a expectativa geral que se tem sobre compras internacionais. Ao contrário do que comumente acontece, comprar uma câmera pelo *ebay* sai muito mais barato do que comprar em território nacional.

Em termos teóricos, o que ocorre nesse dado, e em todos os outros que rotulamos como contraexpectativa de conteúdo, é a evocação de uma *pressuposição de expectativa* nos termos de Sousa e Pinheiro (2024). O mecanismo desse tipo de pressuposição é o seguinte: em construções de contraexpectativa, evoca-se uma pressuposição de expectativa oposta à asserção violadora. Nesse dado, a asserção é “vale a pena comprar um produto importado” e a pressuposição de expectativa é a proposição, localizada no horizonte de conhecimentos esperados do ouvinte, “não vale a pena comprar produtos importados”. Vejamos outro exemplo desta subcategoria:

(17) Eu tenho uma pitbull linda dócil amorosa tranquila que convivi com outros cães e outras pessoas. E vou te falar: ela não é a primeira, já tive outro pitbull e

eu o conheci já adulto, o nome dele era Tobias, ele faleceu de velhinho e era tão dócil e amoroso e tranquilo como é minha pitbull hoje. Pra você entender melhor: Agressividade e Desequilíbrio está no dono e não no cão.

O funcionamento da construção no dado (17) é idêntico ao do dado (16). Existe uma expectativa no horizonte de *conhecimentos esperados* do interlocutor, a saber, a de que “*pitbulls são cachorros violentos*”. Isso é uma suposição bem típica, uma vez que pitbulls são animais conhecidos por serem ferozes e violentos. Entretanto, o que a enunciadora diz é justamente o contrário; isto é, a asserção de que ela já teve mais de um pitbull dócil viola a expectativa socialmente estabelecida, o que justifica o uso da construção nesse caso.

Entretanto, como dissemos no início deste capítulo, não são todos os casos que podem ser explicados por meio do tipo de dinâmica de asserção e pressuposição de expectativa apresentado aqui. Esses outros usos serão apresentados a seguir

4.2.2 Contraexpectativa de ato de fala

Usamos o rótulo *contraexpectativa de ato de fala* para designar a subcategoria que dá conta do conjunto de dados em que a expectativa violada diz respeito a normas interacionais – em particular, expectativas de preservação de face. Essa subcategoria pode ser dividida, ainda, em três, a depender de qual face está sendo ameaçada. A primeira diz respeito a casos em que a construção [vou PRO falar] atua como marcador de contraexpectativa em relação a alguma ameaça à face positiva do próprio falante. A segunda inclui atos de fala que ameaçam a face positiva do ouvinte. A terceira diz respeito a situações que ameaçam a face negativa do ouvinte.

Como enfatizado no início deste capítulo, a função da construção nesses usos não é tão somente a marcação de contraexpectativa pura e simples. Em todos os casos que mencionaremos a seguir, o falante, ao veicular a construção, marca a ciência de que está quebrando uma expectativa interacional e, ao fazer isso, atenua os danos à face que o enunciado provocaria. Observemos como isso ocorre em cada um dos três cenários descritos.

4.2.2.1 Marcador de ameaça à face positiva do falante

Primeiro, vejamos o caso em que a construção funciona como estratégia de proteção à face positiva do falante:

(18) parabéns! Tô ferrado pq eu sou um homem comentando, mas tudo bem, tô com medo não! Eu vou te falar que tem até um pedaço do texto que eu não entendi. Mas até onde eu vi, tem um momento que você até diz que as próprias mulheres tão pegando pesado a o rebaixar os homens. Pelo menos do que eu interpretei

Nesse caso, o que está em jogo é menos uma expectativa proposicional e mais uma expectativa interacional. Desde o início do excerto, o autor do comentário reconhece estar em uma posição difícil: ele é um homem comentando em um post sobre machismo. A própria estratégia de afirmar sua posição difícil (“Tô ferrado pq eu sou um homem comentando”) é uma estratégia de preservação de face, uma vez que, ao reconhecer que existe uma norma social que dita que geralmente discussões sobre machismo não são espaços de fala masculinos, o falante mostra consciência (ou melhor, a não ignorância) de que sua tentativa de contribuição pode ser vista como uma “intromissão”.

Logo em seguida, aparece a sentença com a construção [vou PRO falar]: “Eu vou te falar que tem até um pedaço do texto que eu não entendi”. Argumentaremos que esse caso é similar a (3), em que a construção funciona como proteção à face positiva do falante. A situação, como mencionada acima, já era delicada para o falante: por mais que o post discutisse machismo, o autor do comentário, apesar de ser homem, decidiu comentar. Entretanto, mais do que isso, como podemos ver na passagem que apresenta o idiomatismo, o autor também dirá que não entendeu uma parte do texto. Isso é, claro, uma confissão que ameaça sua própria face positiva. Afinal, o falante, já em uma posição difícil por causa de sua identidade, pode ser lido como um ignorante por afirmar não ter compreendido o texto (e, além disso, ainda ter comentado!). O falante tentará, no resto de seu comentário, se valer de elementos para que não seja lido como ignorante: utilizará as palavras da autora do texto sobre machismo para reforçar uma afirmação polêmica (a de que mulheres estão pegando pesado com homens) e utilizará outras

marcas linguísticas (como o uso frequente de até), seguido da frase “pelo menos foi o que eu interpretei”.

Como argumentamos no início deste capítulo, a marcação de contraexpectativa em casos como (18) não é de natureza proposicional. A expectativa violada é o conhecimento interacional de que indivíduos não se engajarão em atos que são ameaçadores à própria face. O que a construção faz, em exemplos como esse, é marcar uma ciência dessa violação, funcionando, assim, como um mecanismo de proteção de face.

Até agora, só comentamos dados em que a face protegida é a do falante. Nos próximos dois exemplos, analisaremos casos em que a construção funciona como estratégia de proteção à imagem pública não do enunciador, mas do ouvinte.

4.2.2.2 Marcador de ameaça à face positiva do ouvinte

Vejamos, agora, um caso em que a construção atua na proteção de face do ouvinte:

(19) Dr.Osmar, estava assistindo o JOGO ABERTO do dia 5 de setembro e por favor me responda se puder: Aquela discussão toda pelo jogo do Corinthians foi real ou foi apenas um teatro pra ganhar audiência? Meu, lembrei dos meus tempos de criança quando ficávamos brigando por causas inúteis. Quanto a o Inter, tem o jogo da volta... Dr. gosto muito das suas análises e acompanho o programa Jogo Aberto quase todos os dias, mas you lhe falar, tá ficando difícil assistir o programa ultimamente. Tá parecendo briga de boteco, a gente assiste o programa para ver uma opinião mais coerente sem a paixão interferir. Fala com a direção da Band por favor, pois quando aquele cidadão de BH e o Ulisses brigando o tempo todo e querendo ter sempre a última palavra não dá mais. Use sua influência Dr. traga o respeito novamente que eu sei que o Sr. tem.

Nesse dado, diferentemente do último, não é a face positiva do falante que está sob ameaça. O comentário, que consiste em uma crítica ao programa “Jogo aberto”, é dirigido a um dos apresentadores do mesmo programa. Criticar um programa do qual o seu ouvinte faz parte é, naturalmente, um ato ameaçador à face dele. Afinal, criticar o

trabalho do interlocutor é uma ameaça direta ao desejo de ser aprovado. Nesse excerto, veem-se, em vários momentos, enunciados ameaçadores à face: “Aquela discussão foi real ou apenas um teatro para ganhar audiência”; “Me lembrei dos meus tempos de criança quando ficávamos brigando por coisa inúteis” e, de especial interesse para nós “Vou lhe falar, tá ficando difícil assistir o programa ultimamente”.

Esta última sentença é evidentemente ameaçadora à face positiva do ouvinte: falar que está difícil assistir ao programa do seu interlocutor, principalmente porque a qualidade está baixa, é um ataque direto à imagem pública dele. Nesse caso, então, argumentamos que a construção se presta a marcar a quebra da expectativa interacional de que o falante preservará a face de seu ouvinte, servindo assim para proteger a face do interlocutor.

Além dessa passagem, é possível flagrar no dado outros recursos que servem para “conceder face” ao interlocutor – isto é, diminuir a ameaça representada pelo enunciado. O autor do comentário afirma que “gosta muito das análises” do apresentador, que “acompanha o Jogo Aberto quase todos os dias” (o que mostra um apreço pelo programa) e que pede que ele traga de volta o respeito “que sabe que ele tem”. O que isso mostra é a preocupação do falante em, mesmo enunciando um ato ameaçador à face, diminuir ao máximo os danos para seu ouvinte. Essa preocupação é justamente o que motiva o uso da construção em dados como esse.

4.2.2.3 Marcador de ameaça à face negativa do ouvinte

Por último, existem os usos da construção que buscam atenuar a ameaça à face negativa do ouvinte. Essa subcategoria é frequentemente acompanhada de atos de fala que causam danos à livre escolha do interlocutor: pedidos, sugestões, conselhos, entre outros. Um desses usos pode ser observado abaixo, em (20).

(20) Ô Patrícia, tenta superar isso, pensa que você não é a única nesta situação. Veja meu caso relatado aí em cima. Tem apenas 2 semanas, mas já consigo ver uma luz no fim do túnel. Tenho muitos altos e baixos, tem noites inteiras que não durmo, mas tenho fé que passa, não é possível. Passa pra todo mundo, pq não haveria de passar para a gente? Não somos as únicas que começamos e terminamos relacionamentos. Todo mundo passa por isso, inclusive artistas,

modelos, pessoas maravilhosas também levam pé na bunda. E muito! Melhor que isso: sobrevivem, encontram outras pessoas. Não deixe de acreditar no amor, eu ainda não deixei. Agora, vou te falar uma coisa, não bota toda sua felicidade em uma pessoa não. Está em depressão? Não abandone a terapia ou volte ao primeiro sinal de que ela está voltando. A vida é bem mais que ter alguém. Ter alguém que nos ame e que amemos é bom, mas também há a família, os amigos (tenho amigos especiais me dando muita força), o trabalho, ajudar os outros, a natureza, viajar, etc, etc, etc... Eu estou viajando hoje para outro Estado, vou pensar, vou, tenho certeza que vou. Mas daqui uns dias quando voltar, terei também outras coisas, pessoas (novas) para me lembrar e isso ajuda, ajuda muito. Também quando voltar, vou voltar a fazer exercícios. Algum exercício sempre ajuda, cansar um pouco o corpo para libertar a mente. Vai na fé minha amiga.

Nesse último dado que analisaremos, a construção serve também como estratégia de proteção de face; neste caso, porém, trata-se da face negativa do interlocutor. Durante todo o comentário, a autora tenta aconselhar sua interlocutora a superar o término do seu relacionamento. Como dito anteriormente, conselhos são atos ameaçadores ao desejo de livre arbítrio de um indivíduo, e a falante se vale de diversos recursos para atenuar o dano à face da ouvinte. Inicialmente, ela se coloca na mesma posição da ouvinte, criando um sentimento de solidariedade (“veja meu caso relatado aí em cima”). Essa solidariedade é reforçada pelo uso do pronome de primeira pessoa do plural inclusivo (“não somos as únicas que começamos e terminamos relacionamentos”).

Naturalmente, existe uma preocupação por parte da falante em preservar o direito de sua ouvinte a não sofrer imposições. Nesse sentido, outro recurso de que a autora do comentário se vale, antes de veicular um ato diretivo é, justamente, a construção [vou PRO falar]: “Agora, vou te falar uma coisa, não bota toda sua felicidade em uma pessoa não”. Assim como os outros casos, a construção serve como proteção à face da ouvinte, especificamente ao marcar a ciência de que uma expectativa interacional está sendo violada com a enunciação do conselho.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

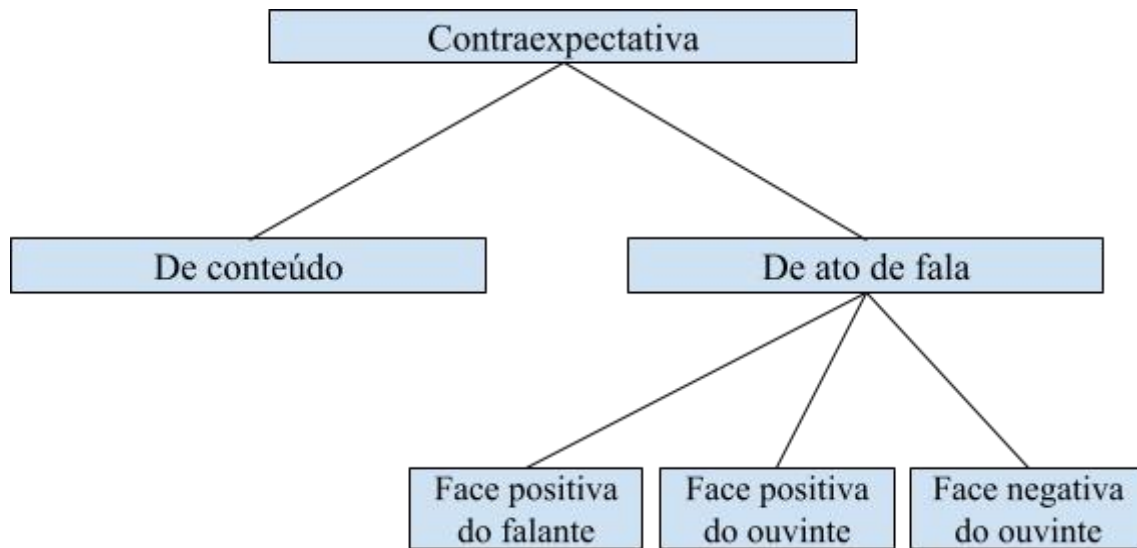
Nesta pesquisa, defendemos que a construção [vou PRO falar] é uma construção de contraexpectativa, ou seja, uma construção que marca a ciência de que a sentença enunciada não está em consonância com alguma expectativa do ouvinte. Como explicitado na análise, esse valor semântico-pragmático pode ser subdividido em duas categorias: de conteúdo (que diz respeito ao conteúdo proposicional) e de ato de fala (que diz respeito a normas de comportamento interacional).

Quanto à contraexpectativa de conteúdo, argumentamos que o funcionamento se dá por meio da evocação de uma pressuposição de expectativa (Sousa e Pinheiro, 2024) contrária à asserção veiculada pela construção. Esse uso dá conta de todos os casos em que a violação da expectativa se dá em nível proposicional – isto é, a expectativa violada corresponde a uma proposição associada à sentença finita que acompanha a construção.

Argumentamos também, por outro lado, pela existência de uma subcategoria que diz respeito à quebra de expectativas não mais relativas ao nível proposicionais, e sim a normas interacionais. Nesse uso, denominado construaexpectativa de ato de fala, a construção [vou PRO falar] funciona como mecanismo de proteção de face em atos de fala que ameaçam a imagem pública seja do falante, seja do ouvinte. Além disso, descrevemos cada um dos três usos possíveis para essa subcategoria: como proteção à face positiva do falante, à face positiva do ouvinte ou à face negativa do ouvinte.

Abaixo, podemos ver, em um esquema, as diferentes categorias e subcategorias descritas neste trabalho:

Figura 5 - esquema de categorias semântico-pragmáticas



Um importante ponto a se destacar, antes de prosseguir aos possíveis desdobramentos da pesquisa aqui apresentada, é de que o presente trabalho se desenvolveu a partir de uma análise exploratória da construção [Vou PRO fala]. O que foi apresentado nos capítulos anteriores consistiu em uma análise qualitativa, com o objetivo de levantar um conjunto de hipóteses que poderão, a partir de análises quantitativas de natureza confirmatória, ser confirmadas.

Então, por fim, no que diz respeito aos próximos passos desta pesquisa, a principal possibilidade é a verificação da realidade psicológica da construção por meio de um experimento psicolinguístico. Esse passo seria o mais coerente no desenvolvimento da pesquisa, uma vez que, como nos subordinamos ao modelo da Gramática de Construções Baseada no Uso, é importante, metodologicamente que utilizemos métodos empíricos de natureza confirmatória, para além do estudo qualitativo exploratório apresentado aqui.

Referências

- BROWN, P. LEVINSON, S.C. Politeness: Some Universals in Language Use. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.
- BYBEE, J. Language, usage and cognition. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.
- DAVIES, M. Corpus do Português: Web/Dialects. Disponível em: <http://www.corpusdoportugues.org/web-dial/>. 2016.
- DIESSEL, H. Usage-based Construction Grammar. In: DABROWSKA, E.; DIVJAK, D. The Handbook of Cognitive Linguistics. Berlin / New York: Mouton de Gruyter, 2015.
- FILLMORE, C. J. Syntactic intrusions and the notion of grammatical construction. In: Proceedings of the 11th Annual Meeting of the Berkeley Linguistics Society, 1985, pp. 73-86.
- FILLMORE, C.J; KAY, P. Grammatical Constructions and linguistic generalizations: the What's X doing Y? construction. *Language*, v.75, n.1, p.1-33, 1999.
- FILLMORE, C.; KAY, P; O'CONNOR, M.C. Regularity and Idiomaticity in Grammatical Constructions: The Case of Let Alone. *Language*, vol. 64, n. 3. set. 1988.
- GOLDBERG, Adele E. Constructions: A construction grammar approach to argument structure. Chicago: University of Chicago Press, 1995.
- GOLDBERG, Adele E. Constructions at Work: The Nature of Generalization in Language. New York: Oxford University Press, 2006.
- LAKOFF, G. Women, fire and dangerous things: what categories reveal about the mind. Chicago: University Press, 1987.
- LAMBRECHT, K. Informational structure and sentence form: topic, focus and the mental representation of referents. Cambridge: University Press, 1994.
- LANGACKER, R. Foundations of cognitive grammar: descriptive application. Stanford: University Press, 1991.
- PINHEIRO, D. PORTELA, B; SOUSA, C; SILVA, D. Construções de contraexpectativa: uma classe de construções de intersubjetividade do português brasileiro In: SIMÕES NETO, N.A. Pesquisas contemporâneas sobre a língua

portuguesa: perspectivas funcionalistas, cognitivistas e construcionais. Salvador: Editora da Universidade Federal da Bahia, 2025.

PINHEIRO, D. Curso básico de gramática de construções. São Paulo: Contexto, 2025.

PINHEIRO, D; SOUSA, C; PORTELA, B. Idiomaticidade em Gramática de Construções: a Construção de Contraexpectativa com “Bem” sob uma análise semântico-pragmática. *Confluência*, n.66, p. 171-192, 2024.

PINHEIRO, D. Um modelo gramatical para a linguística funcional-cognitiva: da Gramática de Construções para a Gramática de Construções Baseada no Uso. In: ALVARO, P. T.; FERRARI, L. (Orgs.). *Linguística Cognitiva: dos bastidores da cognição à linguagem*. Campos: Brasil Multicultural, 2016.

SOUSA, C; PINHEIRO, D. Idiomaticidade na gramática: um estudo da Construção Bem Que S. *Entrepalavras*, v. 13, n. 1, p. 326-345, 2023a.

SOUSA, C; Pinheiro, D. A construção BEM QUE S como uma construção de intersubjetividade: unidade versus diversidade pragmática. *UniLetras*, v. 45, p. 1-21, 2023b.

SOUSA, C; PINHEIRO, D. Pragmática e cognição: a codificação gramatical da expectativa. *Palimpsesto-Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UERJ*, v. 23, n. 44, p. 195-218, 2024.

TOMASELLO, Michael. *The Cultural Origins of Human Cognition*. Londres: Harvard University Press, 1999.

UNGERER, T; HARTMANN, T. *Constructionist Approaches*. Cambridge: Cambridge University Press, 2023.

VERHAGEN, Arie. *Constructions of Intersubjectivity: Discourse, Syntax and Cognition*. Oxford: Oxford University Press, 2005.

VERHAGEN, A. Intersubjectivity and the architecture of the language system. In: ZLATEV, J.; RACINE, T. P.; SINHA, C.; ITKONEN, E. (Eds.). *The shared mind: Perspectives on intersubjectivity*. Amsterdam/Fildadélfia: John Benjamins, 2008. p. 307-331.